

## O PROFETISMO DE JOÃO MARIA NOS DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS<sup>1</sup>

*Tânia Welter*<sup>2</sup>

**Resumo:** Este é um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito do Profeta São João Maria, em Santa Catarina. Partindo da noção de discurso como ação humana significativa, afirmo que os discursos a respeito de João Maria são ressignificados pelas pessoas a partir de sua cultura histórica, possuem temporalidade, expressam algo e são disponibilizados para outras leituras e interpretações. A partir de critérios próprios, as pessoas legitimam João Maria como profeta e este se torna adequado na interpretação e, no controle da indeterminação do mundo, para anunciar e acabar com o mal, reagir contra aquilo que não está de acordo com sua cultura ou anunciar o mundo desejado.

**Palavras-chave:** São João Maria, Santa Catarina, profeta, discurso

**Abstract:** This study analyses the contemporary discourses on the divinity of the Prophet Saint João Maria, in the state of Santa Catarina, southern Brazil. Supported by the notion of discourse as significant human action, I propose that the discourses on Saint João Maria have temporality; are resignified by men and women based on their historical culture; express something and are made available for other readings and interpretations. Men and women legitimate Saint João Maria as a prophet based on personal criteria and, thus, he becomes suitable in the interpretation of the world, in controlling the indetermination of the world, to announce and cease evil, to react against what goes against their culture or to announce the desired world.

**Keywords:** Saint João Maria, State of Santa Catarina (Brazil), prophet, discourse

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão modificada do capítulo de meu trabalho de doutorado (Welter, 2007), intitulado *João Maria como profeta*. Agradeço as contribuições da orientadora, Maria Amélia Schmidt Dickie, e da banca examinadora, composta por Carlos Alberto Steil, Artur Cesar Isaia, Oscar Calavia Sáez e Vania Zikán Cardoso.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências Humanas do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa realizada na região central de Santa Catarina, entre 2002 e 2007, sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria.<sup>3</sup> Para a pesquisa, foram ouvidas mais de cem pessoas, residentes em catorze municípios de Santa Catarina, com origem étnica, vínculo religioso, condição econômica, profissão e idade diversas. Embora tenha outros reconhecimentos, trato aqui centralmente da ressignificação e legitimação<sup>4</sup> de João Maria como profeta a partir de critérios definidos pelos indivíduos participantes da pesquisa, denominados de joaninos.<sup>5</sup>

Parto da noção de que todo discurso<sup>6</sup> é uma ação humana significativa e possui referências ostensivas e não-ostensivas (Ricoeur, 1990). Aquilo que é explicitado pelos sujeitos é uma significação, não condiz mais com a situação inicial e, como significado revelado, autonomiza-se e fica disponibilizado para outras leituras. Para Ricoeur (1978, p.15), “[...] há interpretação onde houver sentido múltiplo; e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos torna-se manifesta”<sup>7</sup>. Toda interpretação, no entanto, tem por base um reservatório de experiências prévias. Ricoeur (1991) considera que a ação comunicativa é articulada a partir de normas, símbolos e signos próprios dos sujeitos, sem contar o não dito, como os preconceitos. Velho (1995) define isso como pré-texto (eu diria pré-discurso) ou *cultura profunda*, ou

---

<sup>3</sup> A literatura afirma recorrentemente que João Maria era italiano e teria chegado no Brasil em 1844, circulando especialmente pelo Caminho das Tropas (entre São Paulo e a fronteira dos países sul-americanos como Paraguai, Argentina e Uruguai), sendo reconhecido como o peregrino, monge, anacoreta, curador e profeta. A este respeito, ver, por exemplo, Cabral (1979) e Queiroz (1977).

<sup>4</sup> O reconhecimento é o aspecto central da legitimidade, segundo Weber (2000; 2002). Algo só é legítimo quando encontra reconhecimento por parte de alguém.

<sup>5</sup> Diante de uma série de dificuldades, optei por chamar de joaninos os indivíduos participantes da pesquisa que reconhecem João Maria na contemporaneidade a partir de referenciais culturais, históricos, religiosos, políticos, turísticos ou comerciais.

<sup>6</sup> Utilizo discurso numa perspectiva ampla, na forma oral, escrita, performática e expressiva.

<sup>7</sup> Para Ricoeur, interpretação “[...] é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. Guardo assim a referência inicial à exegese, isto é, à interpretação dos sentidos ocultos. Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos” (1978, p. 15).

seja, as referências históricas e culturais que fundamentam a significação e interpretação dos sujeitos, definida aqui como cultura histórica.

Além de explicitar significados produzidos e interpretados, o discurso abre a possibilidade de produção de significados novos segundo interpretações novas, inseridas em situações novas, envolvendo novos interesses, sempre no sentido de refazer as leituras possíveis, conforme a cultura na qual estão inseridos o discurso e seu interlocutor (Geertz, 1978). Assim, os discursos, além de explicitarem um *mundo*,<sup>8</sup> mediar a compreensão do ser-no-mundo ou compreensão de si, podem revelar um *mundo* desejado ou um poder-ser.

Vejo João Maria como “evento fundante”, em torno do qual gravitam “múltiplos sentidos” (Ricoeur, 1978), e como entidade multivalente, identificado nos discursos, às vezes simultaneamente, como Deus, Jesus Cristo, Santo, símbolo da luta pela terra e Profeta.

## PROFETA ENVIADO DE DEUS

*Ele é um profeta de Deus, ele é mandado por Deus.  
(Católica de Campos Novos).*

Os joaninos afirmam que João Maria é um homem especial que foi enviado por Deus para anunciar aos homens uma doutrina religiosa e aconselhar as pessoas a respeito dos desígnios divinos. Sua legitimidade e capacidade para anunciar estão nesta iluminação divina.

Sua disponibilidade de peregrinar pelo mundo e anunciar a palavra de Deus (anunciador) tanto caracteriza João Maria como humano quanto o identifica como entidade especial, neste caso, profeta, facilmente comparado com outros profetas da Bíblia, especialmente João Batista.

---

<sup>8</sup> A noção de mundo foi inspirada na “coisa do texto”, de Gadamer, e elaborada por Ricoeur (1977; 1990; 1991) para instrumentalizar, primeiramente, o processo interpretativo de obras literárias. Mundo, neste caso, seria a totalidade de referências não situacionais, não ostensivas, abertas pelos discursos, objetivadas pela função hermenêutica do distanciamento, que são oferecidas para possíveis leituras.

A caracterização de João Maria como profeta de Deus ou enviado de Deus, tanto por católicos como por pentecostais, está apoiada em suas supostas capacidades especiais (extracotidianas). Elas o habilitariam, primeiro, a assumir a missão de profeta e, depois, forneceria a legitimidade necessária para exercê-la. Afirmam que era possuidor de um *carisma* pessoal, aqui definido como *dom de Deus*<sup>9</sup> ou seja, uma pessoa escolhida por Deus para comunicar sua vontade na terra. Isto o habilitaria a ensinar e anunciar essa vontade, mas também a corrigir e aconselhar o comportamento não aprovado por Deus. Este dom divino estaria conectado com outros que o caracterizaram anteriormente como a própria divindade (Deus ou Jesus).

João Maria está sendo percebido aqui como profeta no sentido idealizado por Weber (2000, p. 303), ou seja, como portador de um “carisma puramente pessoal” (neste caso, atribuído pelos joaninos), o qual, “[...] em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino”. É a vocação pessoal que distingue o profeta do sacerdote – enquanto o segundo “[...] reclama autoridade por estar a serviço de uma tradição sagrada” ou distribui bens de salvação e permanece legitimado por causa de seu cargo, o profeta o faz, “[...] em virtude de sua revelação pessoal ou de seu carisma” (Weber, 2000, p. 303). *Carisma* aparece em Weber como uma qualidade, em virtude da qual se atribui a uma pessoa “[...] poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’” (2000, p.158 - 159).

Para os joaninos, o Profeta João Maria assume sua missão ou seu poder profético por *usurpação*, não porque foi encarregado pelos homens, mas, por revelação divina, e preponderantemente para fins religiosos (Weber, 2000, p. 306). Além disso, há nele tanto traços do mestre *ético*, especialmente ético-social, como do profeta *exemplar*. Aproxima-se do primeiro nos ditames que deixou para a conduta na vida, pleno de sabedoria, aconselhando pessoas em assuntos privados, definindo as fronteiras do bem e do mal, os traços do mestre ético. Na sua vida ascética, peregrina, simples, pobre, no seu desprezo

<sup>9</sup> No discurso teológico cristão, carisma significa o dom da graça.

pelos bens materiais e pela elevação dos bens espirituais, os traços do profeta exemplar, mostrando aos seus seguidores o caminho da salvação.

A forma de caracterizar João Maria como profeta indica uma proximidade com aquela de Jesus Cristo nas parábolas bíblicas. Ao interpretar os Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João, Mosconi (1992) afirma que Jesus de Nazaré foi reconhecido como profeta pelos pobres, doentes, marginalizados que mal suportavam os doutores da lei, os chefes, a elite, pois esses os massacravam, humilhavam e exploravam. Jesus tinha uma prática diferente da de outros profetas, porque preocupava-se com os pobres, promovia a cura dos doentes, e enfrentava a elite em favor dos desvalidos. As elites recusavam Jesus, viam-no como uma ameaça e fizeram de tudo para silenciá-lo e difamá-lo como amigo de prostitutas e pecadores, blasfemo, possuído pelo demônio. Jesus lia e interpretava os fatos e a realidade com uma linguagem simples, acessível. Diante desse quadro, este autor concluiu que: a) Jesus foi um profeta diferente dos anteriores, já que “viveu no meio dos marginalizados”, oprimidos, empobrecidos e pecadores. “Jesus mergulhou na vida do povo pobre, pecador, sofrido. O seu mundo foi o mundo dos últimos. Quem quisesse encontrar Jesus tinha que ir lá no meio do povo, das multidões, dos doentes, dos pecadores, nas praças, nas vilas, nas casas dos pobres” (Mosconi, 1992, p. 89); b) a maior preocupação foi “acordar a consciência do povo” e investir na organização dos pobres e marginalizados. Desta maneira, “devolveu a eles a possibilidade de resgatar a própria dignidade”, “alimentou uma mística revolucionária”; c) “Jesus exerceu no meio do povo o ‘ministério da misericórdia e da militância corajosa contra os que dominam’”; d) Jesus foi um “profeta itinerante”, não tinha lugar fixo e andava por todos os lugares. Foi um “profeta missionário”, porque andava no meio do povo; e) Jesus foi um “profeta-mestre”, pois seus ensinamentos eram a confirmação de sua prática, ensinava a partir de fatos significativos e cotidianos; f) “Jesus foi um ‘profeta na linha do movimento apocalíptico’” (Mosconi, 1992, p. 89), pois apelava para uma mudança radical, chocava frontalmente com o mal, “rompia barreiras nacionalistas, racistas e sonhava com uma humanidade nova. E o sonho era para já” (Mosconi, 1992, p. 91). Resume afirmando que “Jesus de Nazaré foi um profeta! Assim o

povo pobre o reconheceu. As elites dominantes tentaram várias maneiras para esconder isso. Difamaram-no. [...] Foi um profeta diferente. Foi ‘o profeta’ que deveria vir ao mundo” (Mosconi, 1992, p. 91).

A semelhança entre a caracterização de Jesus nas parábolas bíblicas e de João Maria nos discursos dos joaninos impressiona. Fundamentados numa atribuída trajetória, João Maria também foi caracterizado como “pessoa do povo”, porque viveu e era comprometido com os necessitados; foi “profeta itinerante”, pois andava em todos os lugares, mas especialmente no meio do povo; foi “profeta missionário”, já que saiu pelo mundo para anunciar os desígnios de Deus; foi “profeta mestre”, uma vez que ensinava a partir de fatos significativos e cotidianos, mas também a partir de sua própria prática; foi um “profeta apocalíptico”, porque anunciava o mal e ensinava como acabar com ele, ao mesmo tempo em que sonhava com um novo tempo e uma nova humanidade.

## DISCURSO PROFÉTICO

Os discursos proféticos atribuídos a João Maria são formulados e reproduzidos pelos joaninos no presente, embora refiram-se frequentemente ao passado ou ao futuro. Possuem referências ostensivas dos sujeitos que os elaboram, podendo estar vinculados a preocupações ou situações concretas ou com o futuro. Os discursos, portanto, são formas apropriadas de exprimir desejos, emoções, refletir a respeito de aspectos, às vezes, confusos da vida ou reforçar valores éticos, religiosos e sociais. Estes discursos, uma vez formulados, assumem uma autonomia que favorece outras interpretações, por parte de outros sujeitos, para lidar com seu mundo. Os discursos proféticos estão legitimados no *exemplo e na ética* de João Maria, mas referenciados na cultura histórica dos joaninos. A afirmação seguinte é um exemplo disso. “São João Maria passava toda semana na casa da vó (mãe do pai). A vó contava pro pai, o pai contava pra nós e eu tô contando pros meus filhos e netos” (católica, 73 anos, Campos Novos).

Os discursos proféticos de João Maria aparecem no formato de metáforas, o que é próprio dos profetas, e exigem uma interpretação. Assim,

muitos discursos não teriam sido entendidos de imediato pelos sujeitos e, ao serem explicitados por eles, frequentemente vêm acompanhados por uma explicação adicional. Afirmam: “João Maria disse: chegará um tempo com tais dificuldades [...]”, seguido por uma explicação “na verdade ele estava falando de [...]” e finaliza com a pergunta afirmativa “e não é isto que estamos vendo?”, como que para provar a veracidade destes discursos. A afirmação “São João Maria avisou e aconteceu” é recorrente.

As entrevistas e conversas informais sobre João Maria permitiram organizar esses discursos proféticos em torno dos seguintes aspectos: a) mudanças nas relações familiares e sociais; b) inovações tecnológicas; c) carências; d) alterações climáticas e catástrofes; e) guerras; f) fim deste mundo (apocalipse); g) surgimento de um novo mundo.<sup>10</sup>

#### MUDANÇAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

Alguns discursos proféticos referem-se às mudanças observadas pelos joaninos nas normas tradicionais de relacionamentos familiares e comunitários e nos valores e princípios organizadores do *mundo hierárquico*.

Os supostos discursos proféticos de João Maria explicitam a preocupação dos joaninos com a perda ou substituição dos valores que fundamentam o *mundo hierárquico* a partir dos discursos proféticos. Referem-se à perda do respeito familiar (filho não respeita mais pais ou irmãos, casal não se respeita), substituição de valores hierárquicos (tradicionais) por outros (um filho não dá mais “louvado”, não utiliza nomes de tratamento adequados para a situação, como senhora, senhor, padrinho ou outro), presença de violências diversas, inclusive dentro da própria família (filho mata pai, pai mata filho, estupro, incesto), alteração nas relações de amizade e vizinhança (amizades vão acabar).

Os discursos proféticos de João Maria servem para os joaninos interpretarem seu próprio mundo, especialmente quando este configura-se de forma confusa, violenta e desestruturada. São estes e outros os aspectos que

<sup>10</sup> Esta divisão está inspirada naquela feita por Cabral (1979) e Bloemer (2000).

vão caracterizando, para os joaninos, o mal do mundo. Antes de avançar, é necessário definir o que é o mal para os joaninos e quem o facilita. O mal é caracterizado como aquilo que prejudica ou fere os homens – relacionamentos, natureza, religião, organização social – e está do lado oposto ao bem que representa virtude, respeito e honra. Há ausência de reciprocidade e cumplicidade na perspectiva simbólica dos joaninos e da presença de sofrimento, doença, tristeza, epidemia, calamidade e morte. O mal é provocado por comportamentos humanos incorretos, inovações tecnológicas, guerras ou pelo diabo (fera, besta-fera), que pode vir em forma humana.

É frequente a ênfase dos discursos estar no choque diante da indefinição das identidades de gênero – “não se sabe quem é homem e quem é mulher”. Esta indefinição seria algo inaceitável para uma entrevistada, que se apressa em afirmar que em sua localidade nenhum homem usa brinco, como que para indicar que nenhum dos seus parentes aderiu a isso. Estas ponderações são seguidas por outra na qual ressalta que o mundo assiste a uma inversão nas relações de gênero, antes centradas no poder masculino, hoje no poder feminino.

Para os objetivos deste texto, é importante salientar que é no discurso profético que essa senhora encontrou a explicação e a justificativa para a realidade do poder feminino contemporâneo, tal qual verificar-se-á no seu cotidiano. A revelação profética concretizada estaria retirando desta senhora qualquer carga negativa por ela estar exercitando uma postura diferenciada daquela idealizada pela tradição, qual seja, a autoridade familiar e social ser masculina.

Apoiados na vida *exemplar* de João Maria, muitos joaninos explicitam a preocupação com a manutenção de valores religiosos tradicionais.

Como argumento para a valorização e para o fortalecimento de uma forma religiosa definida como *religião antiga*, supostamente desatualizada, apelam para o próprio exemplo de João Maria e para sua importância junto aos grupos.

Os índios Kaingang da Aldeia Xapecó/SC, também observaram que as profecias de João Maria se confirmaram: perda e possível resgate de territórios, a quebra da ética de relações dentro das famílias, abandono de muitos

aspectos da tradição, retomada de certas práticas como saída para reverter esta situação. Na questão específica da quebra da ética familiar, um curador afirma: “algum tempo vai acontecer, pai, mãe, não têm respeito, irmão um pelo outro. [...] Vai vir século, haverá muita coisa ruim, pai contra filho, mãe, matam um ao outro” (*apud* Oliveira, 1996, p. 77). Um curador e benzedor Kaingang, que tem a “guia de São João Maria”, afirmou que, depois de um século com muita coisa ruim, vai vir um tempo muito bonito. “Então depois de ser batizado na católica [...] vai chegar o respeito” (*apud*, Oliveira, 1996, p. 77). Com essa afirmação, sugere que o batismo católico servirá como forma de restaurar um tempo em que o respeito pessoal e comunitário vigoraria.

No caso dos joaninos entrevistados, mais do que comportamentos individuais, o que parece preocupar é o afrouxamento dos valores sociais pela própria família, neste caso, também responsável pela falta de adequação dos filhos. A forma de corrigir este desvio está no fortalecimento ou na retomada de valores tradicionais, intermediada também pela *religião dos antigos*, que possui a legitimidade necessária para intervir. Desta maneira, não parece estranho a importância dada a ela e a João Maria como operador principal.

A chegada das *novas religiões* também preocupa os joaninos católicos, especialmente aquelas que atraem adeptos a partir de valores individualistas. Preocupa esses católicos, porque, geralmente, promove o afastamento destas pessoas do grupo e da religião como atividade coletiva e ligada ao *mundo hierarquizado*. O surgimento de outras religiões, além da Igreja Católica, está relacionado especialmente ao movimento, observado a partir da década de 1990, de proliferação das religiões pentecostais e neopentecostais e, por consequência, de certo esvaziamento da Igreja Católica, da qual as informantes fazem parte. Este movimento é visto por elas como tenso, especialmente porque há disputa pelo domínio do sagrado entre o *nós* (os católicos) e o *eles* (pentecostais). Se esta situação pareceu ter provocado nelas espanto e sensação de insegurança, estimulou um movimento de oposição a *eles* ou de fortalecimento do *nós* ao interpretar isto a partir do discurso profético de João Maria. Fortalecer a tradição, legitimada por João Maria, parece uma forma de reagir contra esta desestrutura: apenas as práticas religiosas

tradicionais *mexem com o coração*, são verdadeiras, vividas na comunidade e, portanto, possibilitam a reunião familiar e de vizinhança.

Além dos discursos orais, o Profeta João Maria teria utilizado a forma escrita para anunciar as profecias e transmitir mensagens éticas e religiosas. Um destes textos, encontrado em diversas versões, foi intitulado *Carta de São João Maria de Agostinho para aconselhar os ignorantes*. Conforme referi anteriormente, essas cartas são também utilizadas como forma de proteção pessoal ou do ambiente, para tanto, fazem cópias pessoais e carregam junto ao corpo como amuleto ou fixam em alguma parede da casa. Acreditam que, dessa maneira, tanto a casa como a pessoa estão protegidas de qualquer mal.

Além de forma de proteção pessoal e do espaço, esses textos apresentam-se como formas de legitimação dos discursos proféticos atribuídos a João Maria e de transmissão de mensagens significativas. Indicam comportamentos humanos idealizados (caridoso, piedoso, solidário) e reforçam a importância da religião e da crença na garantia da salvação.

## INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

João Maria teria previsto o surgimento de inovações tecnológicas como asfalto, avião, energia elétrica, telefone, internet, equipamentos e produtos agrícolas modernos. João Maria falava, por metáforas, como seria típico dos profetas, e só aos poucos estas inovações foram sendo decifradas pelos joaninos, como a “cobra preta” e “os corvos pelos ares”, os “gafanhotos de aço” e as “teias de aranha”. Embora grande parte das inovações sejam vistas pelos joaninos como algo positivo, muitos discursos enfatizam o aspecto nefasto destas inovações para o ser humano e as relações sociais, visto aqui como um mal.

Além de diferenciar o “tempo dos antigos” do “tempo de agora” (moderno), os joaninos enfatizam o aspecto nefasto desta modernidade. Quais são os valores que parecem estar em perigo nesses discursos? Em primeiro lugar, os joaninos indicam que a inovação tecnológica é um mal que é responsável por produzir violência, desgraças, sofrimento, mortes, dor e destruição às pessoas e à natureza. Em segundo lugar, acreditam que estas inovações

provocam modificações nas relações sociais. Se antes as pessoas tinham tempo para conversar, agora o tempo é o da estrada rápida, onde não há espaço para parar, conversar ou socializar.

De forma semelhante à interpretação anterior, também nestes discursos, alguns valores parecem correr perigo de sucumbir. As inovações teriam promovido a destruição do tempo da confiança, da solidariedade, do respeito à natureza e da calma, para impor um mundo violento, rápido, desconfiado e sem espaço para socializações.

Outros discursos referiam-se aos aspectos prejudiciais na produção agrícola como pestes, doenças, ervas, defensivos agrícolas e “novas sementes”. Também aqui, as inovações tecnológicas, produzidas por seres humanos, são responsabilizadas por destruir uma produção agrícola mais natural e sem excedentes e por promover doenças e morte nas pessoas e nos animais. O mal, neste caso, seria promovido pelo ser humano.

Buscando uma sistematização destes discursos, afirmo que: a) os discursos proféticos são interpretados à luz das situações vivenciadas como indesejáveis; b) São indesejáveis porque rompem com o conhecido e com o que é considerado tradicional e bom – os campos sem cerca, o tempo para a conversa e para as reuniões com família e vizinhos, do carro de bois, sem pressa e sem acidentes, o respeito às relações hierárquicas na família e até mesmo aquilo que é veiculado pelos movimentos sociais como coisa nefasta; c) São interpretados no decorrer do tempo, fazendo parte da dinâmica social e das mudanças e encontrando nelas as evidências da correção da profecia; d) Aproveitam as profecias para mostrar sua indignação e reagir contra as inovações que são responsáveis por colocar em risco seu *mundo hierarquizado*, mas também para fortalecer sua identidade e valores tradicionais.<sup>11</sup>

## CARÊNCIAS

Segundo os joaninos, João Maria teria afirmado que viria um tempo com muitas dificuldades para sobreviver: alimentos caros, falta de recursos

<sup>11</sup> Situação semelhante àquela descrita por Velho (1995).

financeiros para sobreviver, falta de terra para plantar, fraca produção de gado, produção agrícola prejudicada por pragas ou má qualidade do solo e outros.

Os discursos sobre carências servem, também, para lembrar aos ouvintes a importância de valores como caridade e solidariedade e para apontar para um responsável. As causas dessas carências estariam, para os joaninos, na ganância e falta de cuidado com a natureza por parte dos homens.

O tempo das carências é também prenúncio (sinal) dos desastres do fim do mundo. O discurso profético milenarista tem este elemento. Desde o início, o Cristianismo teve uma escatologia, no sentido de uma doutrina sobre os últimos tempos, os últimos dias ou o estado final do mundo. O milenarismo cristão não passa de uma variante da escatologia cristã. Segundo esta escatologia, o fim do mundo viria precedido por sinais como discórdia, guerra, seca, fome, peste, cometa, morte e aumento dos pecados em geral e pela vinda de um superinimigo de Deus (Anticristo), podendo ser um humano instrumento do Satanás ou o próprio Satanás. Estes sinais, conforme a tradição profética, deveriam anteceder e acompanhar o derradeiro “tempo de tribulações”. A vinda do Anticristo era aguardada com tensão, mas considerada prelúdio da segunda vinda de Cristo e do Reino dos Santos. Depois desta segunda vinda, Cristo reestabeleceria na terra um reino messiânico, no qual reinaria durante mil anos até ao Juízo Final (Cohn, 1981). Nos milenarismos, este período “não é necessariamente de mil anos, mas é o período intermediário entre o anúncio e o fim dos tempos, no qual são definidos os critérios de salvação” (Dickie, 1996, p. 394). No final do milênio, no sentido estrito da palavra, seguir-se-á a ressurreição dos mortos e o Juízo Final “[...] em que aqueles que não estão escritos no livro da Vida serão lançados no lago de fogo e a Nova Jerusalém descerá do céu para se tornar a morada dos Santos para sempre” (Cohn, 1981, p. 19). Como escatologia individual ou coletiva, o Reino dos Santos seria composto apenas pelos eleitos.

A revelação profética de João Maria inclui o evento trágico de que “mil passará, mas dois mil não”, levando os joaninos à grande apreensão com relação à passagem para o século XXI. Assim como os joaninos, o Apocalipse de

São João<sup>12</sup> associou o número mil a uma medida de tempo excepcional, um milênio, correspondente a um período tanto de paz e justiça (quando Satanás é preso) quanto de cataclismas e de guerras (quando Satanás é solto) e de final dos tempos, e, ainda, de esperança-certeza na segunda vinda de Cristo (Carvalho, 2000).

A crença milenarista mantém-se viva nas esperanças (e nos temores) da passagem do segundo milênio.<sup>13</sup> “Para muitos, o final do segundo milênio e a chegada do ano 2000 são vistos, simultaneamente, como ameaça de ‘apocalipse’ e como jubilosa chegada de um tempo ‘messiânico’: a anunciada segunda vinda de Cristo, início de uma era de paz e prosperidade” (Carvalho, 2000, contracapa).

O surgimento de inúmeras histórias escatológicas coincide com este temor da proximidade de 2000, inclusive entre os joaninos, e com o volume de receios da catástrofe.

Estes seriam os aspectos principais de um movimento milenarista cristão que foi adotado por uns e rejeitado por outros e que aparece no discurso dos joaninos. Isto permite-me afirmar a sobrevivência de um milenarismo difuso entre os joaninos – um milenarismo que é vivenciado, ao mesmo tempo, com temor e com esperança da presença de João Maria para resolver os problemas e trazer, aos eleitos, o Reino. Os elementos deste milenarismo e os critérios de salvação são informados nas revelações proféticas atribuídas a João Maria. Por ora, posso falar da carência de alimentos como um dos sinais que anuncia o fim deste mundo.

Segundo alguns joaninos, as dificuldades na produção de alguns alimentos tornar-se-iam tão grandes que João Maria teria orientado a guardar exemplares para mostrar às próximas gerações.

---

<sup>12</sup> O Apocalipse de São João é o último livro do Novo Testamento (Bíblia) e foi escrito provavelmente por volta de 95 a 100 d.C, não pelo apóstolo João, mas por sua influência. Neste Apocalipse cristão, Jesus Cristo é reconhecido como o Messias, as promessas de Deus são realizadas e a Revelação fica finalmente cumprida (Fouilloux *et al*, 1996).

<sup>13</sup> Sobre estes aspectos, ver Clébert (1999).

A escassez de alimentos é algo que também preocupa os joaninos, especialmente agricultores que sobrevivem da própria produção. Vejo aqui mais um *signal* que prenuncia o final dos tempos e a chegada do juízo final.

### ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E CATÁSTROFES

As alterações climáticas, catástrofes naturais e desestrutura no ecossistema vêm provocando doenças, mortes e acidentes, que compõem também os sinais da crise do final dos tempos.

Também o anúncio da seca preocupa os joaninos. O que é central neste item é a relação entre profecia e catástrofe natural. Por sua grande identificação com a natureza, ofender João Maria é como ofender a natureza. Portanto, a punição pela ofensa vem na forma de desastre natural, nas alterações climáticas, na seca e, como consequência, na escassez de alimentos. Esta perspectiva compõe muito bem o quadro do desastre que precede o novo tempo, ainda que as pessoas possam não estar se referindo a isso diretamente.

A punição vem na forma de destruição de cidades: acreditam que algumas vão inundar e outras se extinguir. Em geral, o discurso sobre a extinção de uma cidade é feito por pessoas de outras cidades. Quando referem-se à própria cidade, o discurso dos joaninos pode não ser catastrófico: “quando ele saiu daqui, do lugar que ele pousou, ele falou que Campo Belo ia ser sempre belo” (católica, 47 anos, Campo Belo do Sul). Para algumas pessoas, no entanto, pode ser catastrófico: “Campos Novos vai virar num porungal” (católica, 64 anos, Campos Novos). A diferença na interpretação sobre a extinção da própria cidade está nos motivos. Enquanto, para a segunda, Campos Novos é uma cidade que está fadada a sumir porque está repleta de pecados humanos, para a primeira, o importante é enfatizar o cuidado de João Maria com o lugar e seus residentes.

As interpretações sobre a destruição de certas cidades são diversas, mas geralmente são justificadas em função do comportamento humano. Ao apresentar comportamentos maldosos, ambiciosos, orgulhosos, desrespeitosos e avarentos, os humanos forneceriam motivos para a destruição catastrófica da

cidade em que vivem. Em outras, a maldição recairá sobre a cidade por causa do comportamento violento com João Maria: atiraram pedras, bateram e judiaram. É o caso de Curitiba. Muitas pessoas relataram que sentem medo de ir ou se alongar numa visita a essas cidades que estariam amaldiçoadas. Aqui, a punição pela ofensa a João Maria vem pela destruição da cidade.

Em ambos os casos, a destruição/maldição da cidade aparece como forma de castigar os pecadores. Neste caso, a destruição é completa, embora alguns afirmem que João Maria poupa alguns, avisando-os para sair da cidade a tempo.

Aqui é necessário retomar uma reflexão anterior de que a divindade de João Maria estaria constituída a partir de uma concepção de *mundo* sem separação entre *este mundo* e o *outro mundo* (céu ou inferno, local para receber a salvação ou a punição). Existe apenas este mundo e é nele que tudo é resolvido. Se uma pessoa comete um erro, é castigada aqui. Caso o pecado seja muito grande, toda a cidade sofrerá, de forma trágica, com a punição. Este aspecto está também relacionado com o discurso escatológico milenarista formulado em torno de João Maria como divindade – a destruição apenas de uma cidade seria uma forma de julgamento antecipado e *exemplar* daqueles pecadores

As justificativas para as alterações climáticas e catástrofes da natureza, sugeridas a partir da apropriação dos discursos proféticos de João Maria, estão diretamente vinculadas ao comportamento humano – se pecaminoso, as catástrofes e alterações são formas de castigo. Se correto, estas são evitadas.

## GUERRAS

Os discursos proféticos incluem também as guerras como sinais do final dos tempos. As desgraças, que a princípio definem um fim, apontam, no entanto, para um recomeço, pois o fim deste mundo, no discurso milenarista, marca o início de um novo tempo.

Se somados os elementos centrais dos discursos correntes (asfalto, inovações tecnológicas, mortes, violência, terceira guerra mundial) veremos novamente um vínculo entre inovação tecnológica como símbolo nefasto.

O discurso profético de João Maria é reinterpretado frente às situações contemporâneas vividas. Assim, tanto quando fazem uma leitura social crítica – a falta de alimentos e falta de terra para plantar – como quando falam de conflitos nas relações de gênero, nas relações familiares e mudanças nos valores, como hierarquia, respeito e honra, tomam o discurso profético de João Maria como acertado, verdadeiro e sendo realizado.

### FIM DESTE MUNDO

A reflexão sobre profeta e profetismo passa, em grande parte, pelo temor e pela esperança do fim deste mundo (juízo final) e do reino terrestre. Carvalho (2000) destaca que o temor do final dos tempos coincide com a presença de profetas. O profeta é percebido como o responsável por indicar o caminho, os cuidados para se ter direito ao paraíso e a forma que este terá. Vejo que esta função é assumida, para os joaninos, por João Maria.

Uma mulher pentecostal afirma que as profecias de João Maria não só estão se confirmando, como estão na Bíblia, mais especificamente no Livro Apocalipse de São João. Desta forma, sugere que o conteúdo escatológico desse livro como *cultura profunda* (Velho, 1995) é apropriada por intermédio de João Maria.

Um dos sinais mais marcantes do final dos tempos na escatologia joanina é a escuridão de três dias. Na verdade, marcaria o próprio fim. Diante da gravidade do evento, João Maria teria descrito como esta situação se configuraria na prática e deixado orientações expressas para identificação do fim e, desta maneira, providenciar a salvação dos joaninos.

Tomando o discurso profético de João Maria como base interpretativa, estes joaninos explicitam os detalhes desta escuridão: fogo não acende, casa deve ser trancada, guardar comida para três dias, não abrir a porta, o mundo está cheio de criaturas e tempestades, diabo vai tentar subornar, pessoas que estão distantes *passam dormindo*. Diversos elementos estão sendo explicitados aqui. O primeiro diz respeito à questão da confiança. O joanino deve confiar na profecia pois, do contrário, não seguirá as orientações e

possivelmente não conseguirá sobreviver. O segundo aspecto diz respeito à relação entre a escuridão e o fim dos tempos. Se a escuridão efetivar-se, estará significando que a profecia estava certa e que o fim dos tempos é algo irreversível. Diante deste quadro, a salvação do crente dependerá, acima de tudo, de sua própria ação e preparação anterior. Este deve estar atento aos outros sinais, por exemplo, a tentativa de suborno do diabo através da voz de um conhecido que baterá na porta e solicitará entrar. Pode ser um teste para ver se o joanino confia ou não na profecia e em João Maria. Caso abra, nada poderá ser feito para salvar as pessoas daquela casa. Tantos perigos rondam a casa e nada acontece com quem está viajando a trabalho. Os joaninos pentecostais referem-se mais à Bíblia como respaldo a João Maria do que os católicos.

João Maria teria enfatizado que nem as velas nem o fósforo seriam comuns. Estes deveriam ser preparados e guardados para uso exclusivo neste dia. O fósforo deveria ser da marca Pinheiro. As velas deveriam ser feitas de cera de abelha, na Sexta-Feira Santa, por três Marias, com menos de sete anos, portanto, virgens.

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de conhecer e fotografar as velas, a caixa de fósforos Pinheiro e conversar com algumas Marias (hoje) adultas que haviam sido *escolhidas* para fazer as velas para a escuridão. Algumas velas e caixa de fósforo encontravam-se guardadas por muitos anos, intactas, estavam escuras pela ação do tempo, ainda sem uso, mas disponíveis para serem usadas, caso necessário. Conforme relato anterior, apenas Marias, menores de 7 anos, virgens, estariam aptas a fazer estas velas. Como eram crianças, poderiam ser auxiliadas por outra Maria, neste caso, adulta, mas na condição de virgindade. Tanto meninas menores de 7 anos quanto mulheres virgens são escolhidas aqui para preparação das velas, para salvação dos joaninos, por sua condição de pureza, condição de imaculada e digna. O nome Maria está relacionado ao simbolismo de Maria, mãe de Jesus Cristo. Antes mesmo de saber que esta senhora católica tinha auxiliado as meninas *anjos* na produção das velas para escuridão, na Sexta-Feira Santa e ainda como estranha, fui informada por ela a respeito de sua condição de virgindade e pureza. A necessidade de explicitação de

uma condição tão íntima indica sua valorização nesta cultura. Mais do que algo a ser escondido, é algo que lhe confere prestígio religioso e, por isso, deve ser mostrado.

Como observei, para os joaninos, o mal pode ser provocado por maus comportamentos humanos e por inovações tecnológicas. Estes, além de provocar muita violência, sofrimento e morte, promovem a criação de um novo tempo, o tempo rápido, em que a qualidade das relações sociais é definida a partir da lógica deste tempo. Por fim, o mal pode ser provocado por seres malignos, especialmente pelo diabo (Besta-Fera). Sobre o mal, parece não haver dúvidas de que está na contramão da reciprocidade e cumplicidade, causa sofrimento às pessoas e deve ser combatido. A destruição completa de uma cidade ou do mundo é como os joaninos acreditam que o mal pode ser vencido, bem como aqueles que o provocam (humanos e fera), independente de onde venha. Vejo que o mal é uma imagem reguladora às avessas (Velho, 1995).

Como castigo de Deus aos homens, anunciado pela profecia de João Maria, ou não, a questão é que o fim do mundo é uma possibilidade concreta de acabar com o mal, restabelecer a reciprocidade e reatar a aliança com Deus. Ao dizimar o mal, são criadas as condições para o surgimento de um novo mundo. Isto completa o discurso milenarista, ou seja, o fim é sempre seguido por um recomeço.

## SURGIMENTO DE UM NOVO MUNDO

Os discursos escatológicos dos joaninos indicam que o fim deste mundo está diretamente relacionado ao surgimento de um novo mundo, marcado por novas relações sociais, sobrevivência apenas do bem e de pessoas boas e justas (consideradas anjos) e uma beleza natural incomparável.

A revelação profética de João Maria possibilita aos joaninos anunciarem o mal que os aflige e mecanismos de acabar com ele, de forma parcial, destruindo a cidade, ou, de forma definitiva, dizimando tudo. Os discursos dos joaninos explicitam, também, o desejo de salvação e de construção de um novo mundo, composto apenas por elementos bons. Para que isso

ocorra, é necessário antes acabar com o mal, destruir o pecado humano e todo mal provocado por humanos e pelo diabo. As pessoas que são pecadoras fatalmente serão dizimadas. Aquelas que sobrevivem à escuridão são as eleitas para comporem o Reino. Além de serem salvas e imediatamente introduzidas no novo mundo, serão purificadas de todo o pecado e nascerão novamente, ou seja, não só esquecerão quem eram na vida anterior, como nascerão puras (sem pecado original). Desta forma, nascerão num mundo com novas relações sociais, pretensões e inclusive aparência. Será o mundo habitado apenas por justos e puros, os eleitos.

Para Oliveira (1996), entre os índios Kaingang, a escatologia de João Maria não se traduz numa “hecatombe apocalíptica radical”, mas ganha expressão em fatos mais pontuais, por exemplo, “[...] a restauração da ética nas relações, do respeito ao convívio e às tradições, em que a palavra ‘comunidade’ por ele deixada seja parte de um cotidiano exemplar” (Oliveira, 1996 p. 80). A ideia de redenção e salvação no *novo tempo* dos índios Kaingang trouxe consigo uma abrangência que vai além da cura do indivíduo, que implica o restabelecimento de uma saúde no plano social, de recuperação da terra que lhe foi tomada, do respeito entre as pessoas e da vida em comunidade. Além disso, João Maria é vivido no grupo num plano simbólico, mas também literal – como uma luta que não acabou.

Para os joaninos, a revelação apocalíptica de João Maria deve se completar. Acreditam que é somente por meio dela que o mal será dizimado e, junto com ela, terá chegado a redenção e a transformação do estado das coisas, o restabelecimento da reciprocidade e cumplicidade entre os homens, de aliança com Deus, bem como a concretização de um novo mundo no qual respeito, solidariedade e amizade imperam.

A motivação da salvação na terra ou de um paraíso terrestre (novo milênio) foi o que motivou diversos movimentos milenaristas, também definidos como movimentos sócio-religiosos, messiânicos, proféticos, incluindo os movimentos dos povos indígenas, os da Europa medieval e moderna e o chamado “messianismo rústico brasileiro”<sup>14</sup> (inclusive pentecostal). Cohn

<sup>14</sup> Sobre movimentos sócio-religiosos, ver, entre outros, Dickie (1996; 2004), Filatow (2002), Gallo (1999), Giumbelli (1997), Monteiro (1978) e Espig (2000).

(1981, p. 11) afirma que todos possuem características semelhantes na noção de salvação, que seria:

a) colectiva, na medida em que deverá ser gozada pelos fiéis enquanto colectividade; b) terrena, na medida em que deverá ser realizada neste mundo e não em algum outro mundo; c) iminente, na medida em que será súbita e para breve; d) total, na medida em que deverá transformar completamente a vida na terra, de forma que o novo estado de coisas não será apenas um aperfeiçoamento do que existe, mas a própria perfeição; e) miraculosa, na medida em que deverá ser realizada por, ou com ajuda de, agentes sobrenaturais.

A redenção (libertação, salvação, resgate), na perspectiva cristã, tem um carácter divino, é individual e ocorrerá com a entrada num outro quadro de referências, o de um tempo fora do tempo (Coutinho, 2002). Será o fim do mundo, corresponderá ao fim da vida na terra, seguida por uma outra existência eterna e beatífica, perpetuamente feliz, mas numa outra dimensão existencial – o céu (Lopes, 1998).

Para Mourão (1975, p. 73), “[...] a noção do apocalipse decorre logicamente da busca de sentido para um mundo onde as contradições sociais se tornam cada vez mais explícitas”. No contexto do século XIX, analisado por ela, o apocalipse que se relaciona com João Maria aparece como castigo de Deus para todos os homens, sem exceção, pois todos ainda encontravam-se em estado de pecado. Neste caso, a culpa coletiva só podia ser expiada na dimensão de uma aliança coletiva com Deus. O sentido profundo da penitência, como dom que restabelece a reciprocidade e reata a aliança com Deus, ainda não havia se desdobrado totalmente.

Os aspectos observados por esses autores foram evidenciados nos discursos contemporâneos dos joaninos, tanto a respeito do fim do mundo (Apocalipse) quanto do surgimento do novo mundo. Segundo eles, todas as profecias de João Maria (mudanças nas relações sociais, inovações tecnológicas, carências, alterações climáticas, catástrofes e guerras) são sinais, avisos, sobre a chegada do final dos tempos para todos os pecadores. O momento deste fim, no entanto, seria marcado por uma escuridão de três dias e pela vinda do diabo que tentaria os humanos. Este período seria marcado por

muita angústia, sofrimento, mortes e provações para a maioria das pessoas. Outros passariam por este período dormindo e não perceberiam nada. A diferença entre os dois estaria no comportamento respeitoso e religioso do segundo grupo, ou seja, tementes a Deus. Alguns afirmam que João Maria teria sugerido que Deus teria a possibilidade de revogar este fim e era para rezar para isso acontecer. Os joaninos atribuem a João Maria o poder para definir quem seria punido ou salvo e, desta maneira, o Apocalipse se desdobraria completamente.

## CONCLUSÃO

De maneira geral, os discursos orais, escritos, performáticos e expressivos a respeito de João Maria, em Santa Catarina, na contemporaneidade, foram construídos pelos joaninos na sua cultura histórica, possuem temporalidade e expressam algo. No entanto, reforçando o processo sugerido pela hermenêutica de Ricoeur, observei que os discursos dos joaninos, embora formulados e expressados a partir das referências históricas dos joaninos e ostensivas da interlocução, afastam-se, num segundo momento, destas referências, ultrapassam o caráter individual para assumir uma dimensão inter-humana e histórica, são objetivados, autonomizam-se e tornam-se *obras abertas* a leituras e múltiplas interpretações. Neste contexto, percebo que é o próprio discurso autonomizado dos joaninos, a princípio, a respeito de João Maria, que serviu como mecanismo de legitimação deste também como profeta, dos discursos atribuídos a ele, dos próprios discursantes (joaninos) e de sua cultura histórica. Com base nessa legitimação, é que os discursos a respeito de João Maria se tornam apropriados para interpretação do mundo dos joaninos, para controlar a indeterminação do mundo, para anunciar e acabar com o mal, reagir contra aquilo que não está de acordo com sua cultura, estimular a luta política ou anunciar o *mundo* desejado.

## REFERÊNCIAS

- BLOEMER, Neusa M.S. *Brava Gente Brasileira*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- CABRAL, Osvaldo R. *A Campanha do Contestado*. 2 ed. revisada. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CARVALHO, António Carlos. *Prisioneiros da Esperança: dois mil anos de messias e messianismos*. Lisboa: Âncora, 2000.
- CLÉBERT, Jean-Paul. *Visões do Fim do Milênio ou História do Fim do Mundo*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.
- COHN, Norman. *Na Senda do Milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da idade média*. Lisboa: Presença, 1981.
- COUTINHO, Romão J. G. *Ontem e Amanhã: os Profetas e o Futuro*. Lisboa: Terramar, 2002.
- DICKIE, Maria Amelia S. *Afetos e circunstâncias*. Tese de Doutorado – PPGAS/USP. São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. O milenarismo em contexto significativo: os Mucker como sujeitos. In: MUSUMECI, Leonarda (org) *Antes do Fim do Mundo: milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2004.
- ESPIG, Márcia J. A construção de um “outro século”: milenarismo e imaginário no movimento do Contestado. In: *Revista História Social – Nº 7*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2000.
- FILATOW, Fabian. *Do Sagrado à Heresia: o caso dos Monges Barbudos (1935-1938)*. Porto Alegre: PPGHST, 2002.
- FOUILLOUX, Daniele et al. *Dicionário Cultural da Bíblia*. Lisboa: Dom Quixote, 1996.
- GALLO, Ivone C. D`Ávila. *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas: EdUnicamp, 1999.

- GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIUMBELLI, Emerson. Religião e (des)ordem social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos estudos sociológicos sobre movimentos religiosos. In: *Dados Revista de Ciências Sociais*, vol. 40, nº 2. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.
- LOPES, Aurélio. *Tempo de Solstícios*. Santarém: O Mirante, 1998.
- MONTEIRO, Douglas T. Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (dir.) *História Geral da Civilização Brasileira – tomo III, volume 2*. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: IFEL, 1978.
- MOSCONI, Luís. O profeta Jesus de Nazaré da Galiléia. In: *Profetas da Bíblia – nº 57/58*. São Leopoldo: CEBI, 1992.
- MOURÃO, Laís. Contestado: a gestação social do messias. In: *Cadernos Ceru nº 7*. São Paulo: Humanitas FFLCH/ USP, 1975.
- OLIVEIRA, Maria da Conceição. *Os Especialistas Kaingang e os Seres da Natureza*. Florianópolis: FCC, 1996.
- QUEIROZ, Maurício V. *Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do Contestado 1912 - 1916*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O conflito de Interpretações*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Hermeneutics and the Human Sciences: Essays on language, action and interpretation*. Cambridge/Paris: Cambridge University Press/Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1990.
- \_\_\_\_\_. *From Text to Action: Essays in hermeneutics*. Londres: The Athlone Press, 1991.
- VELHO, Otávio. *Besta-Fera: recriação do mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1995.
- WEBER, Max. Sociologia da Religião. In: *Economia e Sociedade – vol. 1*. 3 ed. Brasília: UnB, 2000.

\_\_\_\_\_. *Conceitos Básicos de Sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.

WELTER, Tânia. *O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo – Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina*. Tese de Doutorado – PPGAS/UFSC. Florianópolis, 2007.